

Sinopse

Bianca Rogan é a coreógrafa principal da agência dirigida pelo seu amigo de longa data, Kim Bryan. Sempre fora uma mulher de grandes sonhos e ambições silenciosas, mas a vida encarregou-se de lhe impor limites crueis. Apesar de anos de esforço, sacrifício e talento, Bianca confrontou-se com uma verdade difícil de aceitar: nunca pisaria o palco. Estava destinada aos bastidores, presa a um lugar onde os aplausos nunca lhe pertencem.

A sua existência discreta sofre uma rutura inesperada numa saída noturna com o irmão e o colega de casa, quando cruza caminhos com Christian Park — um homem arrogante, distante e indecifrável, cuja presença provoca mais desconforto do que atração imediata. O encontro entre ambos é intenso, confuso e termina envolto em lacunas de memória que Bianca não consegue explicar.

No dia seguinte, a realidade impõe-se com violência: Christian Park acaba de assinar contrato com a agência onde Bianca trabalha.

Perseguida por incertezas e fragmentos de uma noite que a assombra, Bianca inicia uma busca obsessiva por respostas. Essa procura arrasta-a para encruzilhadas perigosas e revela um mundo oculto, regido por regras que desafiam tudo aquilo em que acreditava.

Trabalhar ao lado de Christian torna-se inevitável — assim como enfrentar a verdade por trás da sua natureza. Um vampiro marcado por inimigos antigos, Christian vê-se inexplicavelmente atraído por Bianca, uma humana cujo aroma carrega o sinal daqueles que jurou destruir. Entre desejo, desconfiança e segredos enterrados no passado, ambos são forçados a confrontar verdades capazes de destruir tudo o que conhecem.

Sede de Sangue: Aroma é um suspense romântico com contornos sombrios, onde o perigo não habita apenas nas sombras da noite, mas também na luz do dia — e onde amar pode ser tão fatal quanto sobreviver.

Prólogo: A noite

A corrente tumultuosa do rio ressoa pela penumbra como uma orquestra aterradora e descoordenada. A água, cruel na sua fúria incessante contra rochedos e pedregulhos que repousam no leito do rio como testemunhas eternas, cria redemoinhos e rastos de espuma ao rasgar caminho numa correria desesperada e ensurcedora. A brisa fria daquela noite — tão monótona e insignificante quanto qualquer outra — acaricia o semblante trémulo de Bianca Rogan, presa no aperto de duas mãos agrestes.

O olhar dela corre até ele. Até ao homem que tanto anseia tocar e que, naquele instante, parece inalcançável, apesar de se encontrarem a escassos metros um do outro. A força sobre-humana que a mantém refém transforma essa curta distância num abismo impossível de transpor. A respiração falha-lhe no peito, rasgada pela urgência desesperada de ser salva de um final que sempre soube inevitável — um fado traçado ainda antes do seu primeiro suspiro.

As lágrimas queimam-lhe os olhos e deslizam-lhe pelas curvas do rosto. Luta por ar. Luta por voz. Por palavras que sabe, com uma clareza cruel, nunca mais terá oportunidade de dizer.

Um júbilo inquietante sibila-lhe nos ouvidos.

A boca do estranho que a segura aproxima-se perigosamente, reduzindo o espaço entre ambos a meros centímetros. Há nele a calma predatória de uma presa prestes a saborear o seu banquete. Sussurra-lhe intimações e escárnios, palavras que se infiltram na mente como veneno lento.

O fim da sua história está ali, cravado nas mãos que a apertam com tal afínco que o próprio corpo parece já não lhe pertencer. Ainda assim, Bianca ignora a dor que a sustém. Ignora o frio. Ignora o peso que a arrasta para a margem do inevitável.

E, numa visão turva, procura-o.

Vê-o caído contra o pneu de um carro, o corpo vencido, o rosto marcado pela urgência e pela impotência. Ainda tenta reunir forças. Ainda tenta levantar-se. Ainda tenta lutar para a alcançar.

É apenas ali — quando sente o sangue a abandonar-lhe o corpo, quando a escuridão se aproxima como um véu pesado — que, num último instante de lucidez, Bianca Rogan se pergunta:

Como cheguei eu aqui?

Ato 1: Mundos cruzados

I

Bianca Rogan

1

Com um gesto breve, quase automático, o som subtil da porta de vidro corta o ar por um segundo. Bianca Rogan surge nesse movimento e detém-se à entrada da sala de reuniões da Kim Entertainment, como se precisasse de um instante para se adaptar ao espaço — ou a si própria dentro dele. Um suspiro lento escapa-lhe dos pulmões, arrastado, e só depois reajusta a pasta preta sob o braço e avança.

Os atrasos deixaram de ser exceção. Tornaram-se hábito. Comentários murmurados nas horas de almoço, disfarçados em sorrisos educados e acenos complacentes, já não a feriam como antes. Bianca aprendera a ignorá-los. Não via ali crueldade; apenas a constatação silenciosa de uma verdade que lhe desagradava admitir: acomodara-se. E o corpo, sempre mais honesto do que a vontade, denunciava-a em pequenos desleixos.

Era o segundo atraso da semana. Ainda nem a meio.

Kim Bryan — o homem cujo nome dera forma e identidade à empresa — observa-a com um olhar onde a impaciência se mistura a uma resignação antiga. As mãos cruzadas repousam sobre a superfície polida da longa mesa de madeira, refletindo a luz fria da sala. O rosto mantém-se estranhamente jovem, quase imune ao desgaste visível dos anos. Bianca nota-o, como sempre nota. A ausência de rugas profundas, a pele intacta, o brilho discreto que lhe confere uma aparência suspensa no tempo. Há pessoas a quem o tempo parece conceder tréguas; Bryan era uma delas.

Ela contorna a mesa e as cadeiras de cabedal negro, alinhadas com precisão quase ceremonial, e pousa a pasta sobre a madeira. O som seco ecoa mais alto do que esperava, rompendo o silêncio pesado da divisão. Bianca senta-se sem dizer palavra, compondo a postura.

A única informação que recebera fora simples: discutir-se-ia um novo investimento. Com cinco anos de experiência no ramo — e ainda longe das vinte e cinco primaveras — Bianca conhecia bem a natureza dessas reuniões. Contratos densos, cláusulas escondidas, promessas frágeis sustentadas por expectativas demasiado grandes. Um exercício prolongado de resistência.

É nesses breves segundos suspensos, antes da conversa se iniciar, que a mente lhe escapa. O olhar vagueia pelos tons neutros das paredes, pelas vozes abafadas que se sobrepõem como um ruído distante, semelhante ao som de uma televisão esquecida ligada noutra divisão. Bianca regressa, como tantas vezes, aos anos passados em escolas de dança: aos pés feridos, aos calos cobertos por ligaduras improvisadas, à dor aceite como ritual diário. Recorda as lágrimas contidas, o suor, a convicção teimosa que sustentava cada tentativa falhada.

Sabia da competição. Sabia da escassez. Sabia que o talento, sozinho, raramente bastava. Ainda assim, lutara — até todas as portas se fecharem.

Todas, menos esta.

Nunca pisaria um palco. Nunca sentiria o peso da luz sobre o corpo ou o silêncio expectante antes do aplauso. Ficaria ali, nos bastidores, moldando movimentos para outros corpos, para outras histórias. O pensamento instala-se como um eco antigo, carregado de um desencanto contido que aprendeu a guardar em camadas profundas, onde não interfere com o funcionamento diário.

A respiração abranda aos poucos, efeito tardio da corrida apressada entre elevadores. Bianca força-se a regressar ao presente e, só então, repara na segunda silhueta sentada ao lado de Bryan.

O patrão mantém a expressão inalterada. Um breve abanar de cabeça reforça a desaprovação que nunca se dá ao trabalho de esconder.

— Finalmente decidiste aparecer!

Bianca ignora o tom condescendente. Abre o pequeno dossier que a acompanha como uma extensão do corpo, destapa a sua Bic azul e esboça um sorriso neutro. Bryan aponta para o homem à sua esquerda.

— Renan Clark. Representante do nosso próximo cliente.

O sorriso de Renan é atento, quase excessivamente cordial — uma raridade naquele meio. Bianca retribui-o por reflexo.

— Muito prazer. Peço desculpa pela espera. Normalmente sou mais pontual.

A mentira carece de convicção, mas Renan aceita-a com facilidade.

— Ora essa. Todos chegamos atrasados de vez em quando. — A voz dele é grave, agradável ao ouvido. — Na verdade, estamos mais preocupados com o atraso do meu cliente.

— Não sabia que o iríamos conhecer hoje — comenta Bianca, surpresa. Renan ajusta-se na cadeira, os dedos longos compondo o tecido escuro do blazer. — E a que horas o podemos esperar?

A leveza dissipa-se. Renan recompõe a gravata, hesitante. O olhar demora-se em Bianca por um instante que denuncia mais do que gostaria. Ela comprehende de imediato: o controlo que deveria ter sobre o cliente é quase inexistente. Mau sinal.

— Provavelmente preso no trânsito — responde, num tom que não sustenta a desculpa.

Nem Bianca nem Bryan insistem. O investimento é demasiado importante. A Kim Entertainment ainda se equilibra em terreno instável, e um contrato daquela dimensão poderia significar influência, prestígio, sobrevivência. Perdê-lo seria mais do que um fracasso.

Bianca observa Renan com atenção renovada. O cabelo de um laranja vivo contrasta com os olhos castanhos de reflexos esverdeados, serenos. O rosto é longo, de traços suaves, e dele emana uma sensação de conforto discreto — um contraste evidente com a rigidez austera de Bryan.

E assim, entre silêncios constrangidos e expectativas contidas, os três aguardam por uma chegada que nunca acontece.

2

Ao final do dia — depois de longas horas consumidas pela espera infrutífera de um homem que Bianca Rogan passou a considerar, com ironia amarga, pouco mais do que um fantasma —, regressa finalmente a casa. O tempo perdido pesa-lhe mais do que o cansaço físico: horas que poderiam ter sido produtivas dissolveram-se numa expectativa sem retorno.

A vida, no entanto, é-lhe relativamente estável. Bianca permite-se pequenas extravagâncias, habita um espaço confortável, amplo o suficiente para ser confundido com o lar de uma família de classe média-alta. Ainda assim, partilha a casa. Não por necessidade absoluta, mas por escolha — ou hábito. Jonathan Reeves ocupa um dos quartos desde as primeiras semanas em que ambos chegaram à cidade, jovens demais para se sentirem seguros, determinados o suficiente para fingirem que estavam.

Bianca sonhara ser bailarina profissional. Jonathan ambicionava tornar-se um homem de negócios. O tempo cumpriu apenas parte dessas promessas: ela tornara-se coreógrafa; ele, dono de uma start-up que parecia finalmente ganhar raízes num mercado instável. E, apesar de já não precisarem um do outro por sobrevivência, permaneceram. Talvez por conforto. Talvez por medo do silêncio.

Dividem tarefas sem discutir: um limpa, o outro cozinha. Dividem também noites longas diante da televisão, comentários preguiçosos, silêncios cúmplices. Conhecem-se como se a convivência tivesse criado um idioma próprio, feito de gestos mínimos e ausências compreendidas. Por isso, não se surpreende quando, ao fechar a porta atrás de si, encontra Jonathan na cozinha.

O aroma de especiarias espalha-se pela casa, impregnando o ar com uma familiaridade reconfortante.

— Com fome? — pergunta ele, a voz levemente nasal ecoando da cozinha.

Bianca inspira fundo, como se pudesse saborear sabores que ainda não existem.

— Esfomeada.

Pendura o casaco entre tantos outros, atira as chaves para o chaveiro e arrasta-se até à sala, deixando-se cair no sofá bege com um suspiro rendido.

— Como seria de esperar.

O riso que partilham é leve, despretensioso. O som de armários a abrir e fechar marca o ritmo doméstico da casa. Jonathan resmunga enquanto cozinha. Bianca procura o comando da televisão, revirando almofadas, deixando o olhar vaguear pela sala. Não é a primeira vez que o encontra perdido debaixo da mesa de centro, camuflado pelos tons azul-turquesa da carpeta. Desta vez, surge sob uma almofada verde-água. Bianca sorri, vitoriosa, como se tivesse resgatado algo esquecido.

Com a televisão ligada em ruído de fundo, estica-se no sofá, os braços cruzados sob a cabeça. Os dedos perdem-se nos cachos acastanhados — castanho-avelã, como Jonathan insiste em corrigir — enquanto acompanha distraidamente a narrativa da série.

— O Kent ligou.

A frase cai com peso.

Um amargor conhecido instala-se-lhe no peito. Bianca e Kent Rogan, o irmão mais novo, já não são próximos. Em contrapartida, Kent e Jonathan entendem-se com uma facilidade quase irritante, como se partilhassem algo que Bianca nunca conseguiu decifrar completamente. Kent sempre fora assim: dois anos mais novo, mais luminoso, mais fácil de amar. Talvez por isso tenha deslizado com tanta naturalidade para o mundo da fama.

Mas a fama cobra o seu preço.

Enquanto Bianca colecionava recusas e frustrações na tentativa de seguir o próprio sonho, Kent avançava sem esforço aparente. Essa assimetria abriu fissuras onde antes existia intimidade. Com o tempo, afastaram-se. Ou talvez tenha sido Bianca a afastar-se, erguendo muros que nunca admitiu ter construído.

— Que queria ele?

— Que estejas pronta às vinte e duas. Bem arranjada. — Jonathan faz uma pausa calculada. — Preferencialmente com Gucci.

Bianca arregala os olhos, quase caricata, e endireita-se no sofá.

— Tenho cara de quem pode gastar dinheiro assim? Nem toda a gente ganha o salário obsceno que ele ganha!

Jonathan ri alto, um som quase estridente, e surge na sala, ajeitando o cabelo preto com a colher de pau ainda na mão.

— Foi exatamente o que eu lhe disse. Não com esse tom, claro... — encolhe o nariz, divertido. — Por isso, passou por cá mais cedo e deixou isto para ti.

Aponta para um saco encostado ao arco entre a cozinha e a sala. Bianca recebe-o com cautela, surpreendida. Kent raramente aparece sem aviso; menos ainda se dispõe a enfrentar o trânsito que separa o centro da cidade dos subúrbios.

O saco repousa-lhe no colo. Bianca espreita pela pequena fenda entre os agrafos prateados e algo vermelho chama-lhe imediatamente a atenção.

Aquele canalha.

Revira os olhos e abre o saco sem cerimónia. Presentes caros. Como se isso resolvesse alguma coisa. Como se não lhe despertasse apenas o mesmo impulso antigo de o estrangular após dez minutos juntos.

— E se eu não quiser isto? — questiona. — E se eu já tiver planos? Ou se simplesmente não quiser sair com ele? — Jonathan lança-lhe um olhar severo, abanando a colher no ar como uma figura maternal exasperada. — Ah, que seja... — Bianca cede, num encolher de ombros cansado. — Se ele quer sair, que seja. Tu vens comigo.

O sorriso de Jonathan é imediato, caloroso.

— Claro. Sabes o quanto eu gosto do teu irmão.

— Como eu desejava que isso fosse sarcasmo...

— Não digas isso. És a única pessoa que conheço que não gosta dele. — A voz suaviza-se. — Ele preocupa-se contigo. Só... à maneira dele.

Bianca revira os olhos. Para ela, Kent será sempre um canalha.

Um canalha irritante que sempre conseguiu tudo o que quis. Desde criança. Sempre o centro das atenções, sempre o favorito. Bianca habituara-se a viver à sombra dele, sem rancor — até ao dia em que deixou de ser suportável.

Foi numa tarde de Outono, seis anos antes. Entre lágrimas, após mais uma rejeição, Kent entrou-lhe pelo quarto com um sorriso triunfante e boas notícias: fora escalado para um programa infantil. Talvez, se tivesse escolhido outro momento, tudo fosse diferente.

No fundo, aquele ódio nunca passara de orgulho ferido.

Mas Bianca jamais o admitiria.

3

A limousine abranda num movimento quase solene diante da fachada branca de um edifício de luxo com três andares. O relógio avança para um novo dia; as doze badaladas ficaram algures pelo percurso sinuoso pela baixa da cidade. Um reflexo roxo desliza pelas janelas do veículo, projetado por um letreiro néon que anuncia o nome de um bar conhecido em todo o país — não pela música ou pelo ambiente, mas pela dificuldade em atravessar-lhe as portas sem influência suficiente do lado de dentro.

Ainda envolta no conforto fechado do interior, com o cabedal frio colado às pernas despidas, Bianca Rogan permite-se um arrependimento tardio. O vestido de seda fora uma concessão à vontade do irmão. Um decote em V demasiado fundo, alças finas — fiapos, como lhes chama — cruzando-se nas costas até desaparecerem no tecido que lhe escorre pelo corpo, moldando-lhe as ancas com um peso suave, quase traiçoeiro. Mais do que a exposição, incomoda-a a imobilidade: a sensação de ter as pernas presas ao banco, como se o próprio vestido a impedisse de se mover livremente.

Remexe-se, inquieta, e deixa que o olhar vagueie pela fachada imaculada do edifício. Por um instante, reconhece-lhe a beleza fria, intacta, alheia à desordem habitual da cidade. Depois, a realidade impõe-se na forma de uma fila extensa que serpenteia da entrada até à esquina — e Bianca imagina, com um suspiro mental, que continue ainda mais além.

Ao seu lado, Kent penteia o cabelo loiro platinado — agora imagem de marca desde os primeiros vestígios de fama — e verifica o conjunto com atenção meticulosa: o cinto, as atacas decorativas dos sapatos, cada detalhe no devido lugar. Satisfeito, troca algumas palavras com o motorista e sai do veículo, acolhendo o ar fresco com visível prazer. Jonathan segue-o, sorrindo com a mesma expressão de entusiasmo fácil que o acompanha desde sempre.

Bianca continua a observar a fila, perdida em pensamentos, até que Jonathan contorna a limousine e abre-lhe a porta com um exagero teatral.

— Menina Rogan. Posso ajudá-la a sair?

Como despertada de um transe, Bianca abana a cabeça e abandona o banco com cuidado. As mãos agarram-se ao tecido do vestido, certificando-se de que nada se desajusta. Os saltos — escolha de Kent — não lhe agradam. Trabalhar com o corpo ensinara-lhe a prudência: cada passo deveria ser calculado, elegante, seguro.

— Graciosos.

O comentário surge abrupto. Bianca e Jonathan lançam a Kent um olhar confuso. Anos de convivência não bastaram para decifrar por completo a personalidade extravagante dele — uma estranheza que muitos confundiam com imaturidade, apesar dos seus vinte e dois anos e ambições claras.

— Estamos graciosos — insiste ele, num suspiro teatral, os olhos a deslizarem com malícia pelo vestido da irmã. — O que um bom vestido não faz...

— Sabes que mais? — Bianca riposta, acertando-lhe de leve no braço. — Vai-te catar.

É sempre assim. Kent encontra sempre algo a comentar, provocar ou ridicularizar, testando-lhe os limites. Mas hoje, Bianca não lhe concede essa vitória. Gira sobre os calcanhares e concentra-se no que realmente importa.

— Como é que é suposto entrarmos ali? — pergunta, exasperada, voltando a fitar a fila. — Quando chegarmos à entrada, isto já fechou.

Kent reage como se tivesse ouvido a maior das absurdidades.

— Achas que vamos para a fila?! — Ri-se, o som grave e profundo da sua voz ecoando com facilidade, e apoia-se no ombro de Jonathan, teatral demais para se manter ereto. — Por favor. Sigam-me.

Avança com confiança até à porta, e os outros seguem-no. A fama dele manifesta-se em pequenos gestos: murmúrios atrás, vozes que pronunciam o seu nome. Kent ignora tudo, focado apenas na conversa breve com o segurança. Uma lista é consultada. Um aceno discreto resolve o assunto.

Entram.

O interior revela-se amplo e luminoso. Lustres de cristal pendem de um teto distante, banhando o corredor em luz dourada. Sofás negros alinharam-se junto às paredes, sobre as quais pendem quadros grandes demais para serem memoráveis — paisagens genéricas que se dissolvem na memória tão depressa quanto surgem. O balcão branco, longo e impecável, destaca-se mais do que qualquer obra de arte.

Cinco arcos dourados interrompem o corredor, cada um conduzindo a uma sala diferente. Das entradas escuras emergem flashes de luz negra e fragmentos de música, géneros distintos misturando-se num convite caótico.

Bianca e Jonathan observam com curiosidade; Kent segue decidido para o maior arco, na extremidade oposta.

A música eletrónica aumenta de volume à medida que entram na pista principal. A mudança de luminosidade obriga-os a pestanejar. Corpos dançam em êxtase, bebidas erguem-se no ar, o som quase ensurdecedor comprime o espaço. A sala, alta como dois andares, é envolvida por uma varanda interna no piso superior — um refúgio pago para quem prefere observar o caos à distância.

No centro, um palco circular aguarda, vazio. Bianca reconhece-o como espaço reservado a performances ocasionais. No extremo oposto, sob o arco por onde entraram, um DJ comanda a música para um público facilmente satisfeito.

Conhecedor do espaço, Kent mergulha na multidão. Bianca e Jonathan apressam-se para não o perder. Algumas palavras trocadas com outro segurança, e o trio sobe as escadas em direção à zona VIP, deixando para trás o pulsar frenético da pista.

4

Na mesa de centro do sofá oval que escolhem ocupar repousa já uma garrafa de champanhe, à espera de ser aberta. Bianca senta-se quase de imediato, inclinando-se ligeiramente sobre a grade metálica que delimita a varanda, e observa a pista lá em baixo enquanto Jonathan se encarrega dos copos.

— Que estamos a celebrar?

Bianca lança-lhe um olhar breve, ponderando a resposta, enquanto Jonathan fita Kent, sentado a uma distância confortável da irmã. Com espaço suficiente, instala-se entre os dois.

— Nada, na verdade — responde Kent. — Um dos meus performers preferidos vai atuar hoje. Não me apetecia vir sozinho, por isso apoderei-me da vossa companhia.

— Pode ser que o conheças! — acrescenta Jonathan, entusiasmado. Se adjetivos fossem nomes, Bianca teria poucas dúvidas de que Jonathan Reeves se chamaría Entusiasmo.
— Afinal, tu és famoso. Viste o rebuliço lá fora?

Num gesto impulsivo, Bianca esvazia o copo de uma só vez e pousa-o na mesa.

— Tenho a certeza de que seriam perfeitos um para o outro — comenta, sarcástica, com um sorriso enviesado.

Jonathan ri-se.

— Para tua informação, querida irmã, seríamos. Infelizmente, é homem. — Encolhe os ombros. — Mas, se o conhecer, faço questão de te apresentar, Jon. A Bianca pode ficar a tomar conta das nossas coisas.

Bianca revira os olhos e ri-se, arrastando duas gargalhadas preguiçosas. Não tencionava conhecer ninguém. Celebridades eram fonte constante de dores de cabeça no trabalho; preferia mantê-las longe da sua vida pessoal, sobretudo à noite.

O tempo dilui-se em brindes sucessivos. Antes que se apercebam, a segunda garrafa já se aproxima do fim. Kent levanta-se para pedir mais, aproveitando para mudar de bebida. À medida que o álcool se acumula, o irmão torna-se estranhamente mais simpático. Nas horas seguintes, rancores antigos perdem nitidez. Abraços são trocados. As piadas sofríveis de Jonathan arrancam gargalhadas genuínas — um sinal claro de que a sobriedade já não é prioridade.

Entre risos e copos, Bianca reconhece algo quase esquecido: não se sentia assim — leve, animada — há mais tempo do que conseguia recordar. Entre sonhos abandonados e jornadas longas de trabalho, raramente se permitia sair, distrair-se, existir fora das obrigações.

É no auge de uma gargalhada espalhafatosa que Kent lhe tapa a boca.

— Finalmente, ele vai começar!

Bianca interrompe-se e vira-se para a grade. O palco circular destaca-se de imediato. Um homem sobe as escadas sob luzes vermelhas. A visão de Bianca está ligeiramente turva — consequência direta dos copos partilhados — e ela semicerra os olhos, em vão. Ainda assim, distingue-lhe o cabelo loiro. Não consegue perceber se é natural.

Já no palco, o performer coloca uma venda vermelha sobre os olhos.

Bianca estima-lhe a altura, comparando-o mentalmente a Kent e Jonathan — ambos escandalosamente altos. Seja qual for a estatura exata, o corpo é elegante, equilibrado.

Um corpo de bailarino.

A música inicia-se e as luzes diminuem, exceto as do palco, que o envolvem numa bolha quase irreal. Sem visão para o Guiar, o performer caminha até ao centro. As cordas sobem num crescendo arrebatador e, quando a batida entra, o corpo acompanha.

A voz espalha-se pela sala, hipnotizante.

O espanto percorre o público: ele canta e dança. Não como dois atos separados, mas como uma única linguagem.

Bianca solta um suspiro involuntário. Talvez seja o álcool a amplificar tudo. Talvez seja apenas a surpresa de encontrar tamanha precisão. Está fascinada.

— A coreografia... — murmura. — Eu conseguia repeti-la.

O olhar cai-lhe nos sapatos.

— Não agora. Amanhã... amanhã consigo.

— Claro. E as vacas voam — comenta Kent, divertido.

Bianca ignora-o. O espetáculo prolonga-se por mais meia hora. A euforia inicial dissipase aos poucos. Bianca e Jonathan regressam à garrafa; Kent perde-se no próprio entusiasmo. O álcool acaba por ser mais apelativo do que o homem no palco.

Quando a última música termina, as luzes apagam-se e o DJ retoma o comando da noite. Na varanda, os três conversam, agora dispersos. Bianca descarrega a frustração da reunião perdida.

— O idiota nunca apareceu — diz, gesticulando. O copo na mão ameaça transbordar.
— Ficámos horas à espera de um parvalhão que se acha famoso.

— Sabes o nome dele?

Bianca abana a cabeça e bebe.

— Não. Chegar atrasada já foi mau o suficiente. Amanhã leio o dossier.

Kent, até então alheio à conversa dispersa que se instalara entre os dois colegas de casa, fixa a pessoa que acaba de se sentar numa mesa atrás deles. Há um breve endurecer-lhe do maxilar, seguido de um sorriso contido — demasiado ensaiado para ser espontâneo. Reajusta-se no assento e inclina-se para trás, aproximando-se da nova presença.

— Desculpe incomodar.

A frase chama a atenção de Bianca e de Jonathan quase em simultâneo. O homem que antes ocupara o palco ergue o olhar. A neutralidade pinta-lhe a pele pálida, mas há nela um cansaço subtil, como se a noite já lhe tivesse exigido mais do que estava disposto a oferecer.

— Kent Rogan. — interrompe, antes que Kent termine. — O apresentador daquele programa de entretenimento que passa aos domingos à noite.

A voz é grave, aveludada, deslocada do desinteresse que carrega as palavras. Um contraste inquietante: mesmo entediado, soa gentil. Quase íntimo.

Como um cantor de jazz. Ou de soul.

Kent ilumina-se com o reconhecimento. Estende a mão; o estranho aceita o cumprimento de forma breve, quase protocolar.

— Exatamente. — Kent sorri, satisfeito. — Só queria dizer que admiro imenso o seu trabalho, Sr. Christian.

— Obrigado.

A palavra cai seca, definitiva. O silêncio que se segue instala-se com um peso estranho, denso demais para ser ignorado. Kent procura algo mais para dizer, qualquer coisa que prolongue o momento, mas não encontra espaço.

Christian não desvia o olhar.

Apenas o desloca.

Os olhos pousam em Bianca.

Há algo naquele olhar que a prende — não é convite, nem simpatia. É análise. Um exame atento, quase clínico, como se ele estivesse a medir algo que só ele percebe. Bianca, embriagada não apenas pelo álcool, mas pela quebra súbita de atenção, sustenta o olhar mais tempo do que seria prudente. Esquece-se de si, do lugar, da presença dos outros.

É então que realmente o vê.

Os olhos castanhos, escuros o suficiente para parecerem insondáveis sob a luz baixa. Um brilho felino, alerta. O nariz fino, preciso. Os lábios cheios, contrastando com a linha do maxilar marcada, quase severa. Há nele uma beleza contraditória: suavidade e dureza disputando espaço no mesmo rosto, como se nenhuma das duas estivesse disposta a ceder.

O suor escorre-lhe da linha do cabelo — agora claramente natural — pela testa, seguindo um percurso lento até desaparecer no pescoço. A pele parece demasiado lisa, quase irreal sob as luzes artificiais.

Bianca sente o próprio corpo reagir antes que a razão acompanhe. Um calor súbito. Um aperto breve no estômago.

— Nossa, que homem...

O silêncio seguinte é absoluto.

Só então Bianca se apercebe do erro: o pensamento escapara-lhe pela boca. Christian arqueia ligeiramente uma sobrancelha, surpresa a atravessar-lhe o olhar por um breve segundo antes de desaparecer. Ainda a observa quando Bianca baixa o rosto, constrangida, procurando refúgio no copo esquecido sobre a mesa.

Pelo canto do olho, vê Kent abanar a cabeça, num misto de embaraço e desaprovação.

Jonathan não está mais ali. Bianca procura-o e encontra-o nas escadas, já a meio caminho da pista, dissolvendo-se na multidão com a mesma facilidade com que sempre desaparece quando o desconforto surge.

Sozinha, Bianca brinda consigo própria e bebe.

Quando volta a erguer o olhar, Christian continua a observá-la — mas algo mudou. O interesse inicial deu lugar a uma apatia fria, quase hostil. Há nele agora uma sombra de repulsa mal disfarçada, como se a proximidade lhe fosse indesejável.

Sem dizer palavra, Christian levanta-se. O gesto é brusco, definitivo. Afasta-se da mesa e desaparece entre as luzes e o movimento.

— Agora percebo — comenta Bianca, voltando-se para o irmão.

Kent franze o sobrolho.

— Percebes o quê?

— Porque achaste que vocês seriam perfeitos um para o outro. — Faz uma pausa curta, carregada de ironia. — São os dois presunçosos e arrogantes.

Para sua surpresa, Kent ri-se. Bianca acompanha-o, numa gargalhada que dura mais do que devia.

Pouco depois, o álcool cobra o seu preço. O corpo de Bianca torna-se pesado, os músculos tensionam-se, a respiração perde regularidade. Levanta-se antes que a desorientação a vença por completo.

— Preciso de apanhar ar — avisa. — Se precisares de mim, estou na varanda.

Afasta-se, deixando para trás a música, as luzes e o eco persistente de um olhar que, sem saber porquê, lhe ficou gravado na pele.

5

Christian está lá.

Debruça-se contra o muro de vidro embaciado, as costas voltadas para a fachada do edifício, a cabeça pendida numa inclinação vaga, como se observasse os próprios pés — ou algo invisível sob eles. A silhueta é absorvida pela bruma da noite, diluída na respiração fria do céu.

Bianca observa-o através da porta de vidro do segundo andar, suspensa num instante de hesitação. Junta-se a ele ou espera que se vá embora? A simples possibilidade de um novo confronto provoca-lhe um aperto leve no estômago.

Christian Park, murmura para si. *Já ouvi este nome antes?* Não lhe parece.

Mantendo o olhar preso à figura imóvel, a palma da mão desliza pela superfície gélida do vidro. O frio atravessa-lhe a pele antes mesmo de empurrar a porta, que se abre com um

leve protesto, libertando a aragem outonal. Os caracóis soltos balançam com a brisa e um arrepió percorre-lhe a espinha — breve, mas insistente.

Christian reage de imediato. Não se vira, mas inclina ligeiramente a cabeça, os ombros a enrijecerem como se tivesse sido tocado por algo invisível.

Bianca avança em silêncio para o extremo oposto da varanda. O som seco dos saltos contra as tábuas de madeira parece demasiado alto naquele espaço rarefeito. Apoia os braços no muro e deixa que o olhar vagueie pela paisagem da cidade baixa: um horizonte pontilhado de luzes douradas, faróis em movimento, letreiros néon piscando promessas noturnas. Tudo pulsa. Tudo vive. Tudo continua.

Pelo reflexo do vidro, percebe que Christian permanece na mesma posição — rígido, tenso, deslocado daquele cenário de excessos.

Algo entre curiosidade e preocupação impele-a a pigarrear, ensaiando uma aproximação que não sabe se deseja concluir.

Antes que fale, ele antecipa-se.

— Não.

A palavra é curta, cortante. A voz, baixa e ríspida, não se desvia da paisagem à frente.

Bianca franze o sobrolho.

— Só ia perguntar se estavas bem. Pareces... desconfortável.

Christian afasta-se. Dá alguns passos para o lado, aumentando a distância entre ambos, como se o simples som da voz dela lhe fosse intrusivo. Ainda assim, responde — sem lhe conceder um olhar sequer.

— Não estaria tanto se não tivesse a tua vozinha irritante a atacar-me os ouvidos.

A agressividade gratuita atinge-a como um estalo seco.

Bianca inspira fundo, pronta para ripostar. Não é pessoa de engolir ofensas calada. Mas algo nela trava. Talvez seja o cansaço. Talvez o álcool. Talvez aquela estranha sensação de que qualquer palavra a mais apenas prolongaria um desconforto que não sabe nomear.

Perda de tempo, decide.

Solta um suspiro curto, carregado de incredulidade, e a palavra escapa-lhe num murmurio áspero:

— Parvalhão.

Sem se preocupar com delicadezas ou aparências, gira sobre os calcanhares e regressa à porta de vidro. O enjoo que ameaçara instalar-se dissipase na súbita cólera. Empurra a porta com mais força do que o necessário e reentra na divisão iluminada, piscando os olhos enquanto se readapta ao excesso de luz e som.

Caminha entre vultos e risos até encontrar o irmão.

Pouco depois, o trio retoma o ritmo festivo que se instalara desde a chegada. Copos erguem-se. Risos repetem-se. As horas dissolvem-se em fragmentos indistintos, borrões de música, conversa e álcool.

Quando finalmente regressa a casa, Bianca já não está consciente.
É transportada até à cama nos braços de alguém que não chega a ver.

6

— Peço imensa desculpa!

A exclamação sai-lhe dos lábios com um peso quase físico no momento em que Bianca se apressa a entrar na sala de reuniões. Mais uma manhã, mais um atraso. A rotina repete-se com uma crueldade quase irónica.

Bryan já a tinha visto aproximar-se pelo corredor — a parede junto à porta é uma vidraça extensa, impossível de ocultar qualquer chegada tardia. O olhar que lhe lança é mais frio e severo do que no dia anterior. Bianca não precisa de palavras para perceber: uma discussão está iminente.

Fantástico. Como se a ressaca não fosse castigo suficiente.

Ao sentar-se, move ambas as mãos para as têmporas e massaja-as com cuidado, os cotovelos apoiados no tampo da mesa a sustentarem o peso exagerado da sua cabeça. Fecha os olhos por breves segundos e respira devagar, tentando apaziguar o desequilíbrio que insiste em mantê-la à beira do colapso.

Um pigarro corta-lhe o momento.

Bianca endireita-se de imediato. Renan Clark também está presente. Ele sorri e acena-lhe com uma mão desocupada, como se a tensão da sala lhe fosse alheia.

— Ora essa — diz. — Não tinham como saber que eu regressaria tão cedo.

O sorriso agradecido que Bianca lhe devolve surge quase por reflexo. Trocaram poucas palavras no dia anterior, mas a gentileza do manager é evidente. Ainda assim, o que lhe prende o olhar — como sempre — é o cabelo alaranjado, demasiado vivo para ser ignorado. Questiona-se se algum dia deixará de reparar nele.

Sacode a cabeça, forçando-se a focar.

— Sendo assim... deduzo que seja um bom sinal estar aqui.

— Deveras — intervém Bryan, num tom mais controlado. — O nosso novo recurso acabou de assinar o contrato. Se tivesse chegado a horas, o Sr. Clark não precisaria de estar à espera da última assinatura: a tua.

— Nada de grave — apressa-se Renan, mantendo o sorriso. — De qualquer forma, acredito que nos veremos com frequência.

A frase soa inofensiva, mas há nela um embaraço subtil. Bryan lança-lhe um olhar desconfiado.

— Como assim?

Renan solta uma pequena gargalhada e faz um gesto vago com a mão.

— Apenas passarei por cá regularmente. Para garantir que tudo corre bem.

Bianca e Bryan trocam um olhar breve, partilhando a mesma inquietação silenciosa. A coreógrafa pigarreia. A garganta ainda arde — lembrança desagradável da noite anterior e da visita forçada à casa de banho. Por mais água que beba, a sensação persiste, como garras a rasgar-lhe o interior.

— E o cliente? — pergunta, ao receber o contrato. — Ainda está por aqui? Gostaria de me apresentar.

Analisa o documento com rapidez. Poucos segundos depois, a assinatura surge firme no final da página.

— Não acho que seja necessário.

A voz surge ao mesmo tempo que a porta se abre.

Bianca ergue o olhar. A caneta escapa-lhe ligeiramente entre os dedos, deixando um pequeno ponto azul no papel quando os seus olhos encontram um par de olhos castanhos fixos nela. Repara primeiro no cabelo loiro, cuidadosamente dividido por um risco lateral. Demasiado composto. Demasiado controlado.

— Ahn... — semicerra os olhos, confusa. Então a memória encaixa-se. — Christian?

— E tu... — responde ele, indiferente — o que quer que sejas do Kent Rogan.

— Irmã. Bianca.

— Não me interessa.

O desinteresse é absoluto. O foco que estivera nela dissolve-se de imediato. Christian volta-se para Renan.

— O que realmente me interessa é saber porque raio ela está aqui.

Bryan levanta-se com cautela, os passos ecoando no silêncio súbito da sala.

— A Bianca Rogan é a nossa coreógrafa principal. Um dos teus requisitos inclui trabalhar com os melhores, por isso a Bianca será—

— Nem pensar.

A interrupção é brusca. A voz de Christian aprofunda-se, vibrando com uma tensão mal contida. Ele fita Bianca por um segundo apenas, mas é o suficiente para lhe provocar um arrepio na espinha. A frieza naquele olhar é cortante.

Ele continua pálido, impecável, exatamente como na noite anterior. Todos os traços que Bianca observara sob o efeito do álcool permanecem ali — reais. Contudo, à luz do dia, algo mais se revela.

Algo sombrio.

— Como assim “nem pensar”? — Bianca levanta-se. A lembrança do tratamento da noite anterior ainda lhe pulsa nas veias. No trabalho, não aceita desrespeito. Muito menos dele. — Ainda nem tiveste oportunidade de avaliar as minhas capacidades.

Christian encolhe os ombros.

— Nem preciso. Ontem tive oportunidade de analisar o que quis.

A luz reflete-lhe nos olhos, tornando-os ainda mais gélidos, apesar do tom castanho-mel. Primeiro fixa-lhe o rosto. Depois, lenta e deliberadamente, percorre-lhe o corpo com o olhar, como quem mede algo que lhe pertence.

Quando regressa ao rosto dela, um sorriso torto instala-se-lhe nos lábios.

Bianca engole em seco. Não comprehende o significado daquele gesto, mas algo nela se retrai. E, pela primeira vez, a memória falha-lhe de forma inquietante. Há horas da noite anterior que simplesmente... não existem.

Bryan pigarreia, quebrando a tensão.

— Que seja — diz Christian, após um último olhar. — Uma semana. Se não gostar do trabalho dela, arranjem-me outra pessoa.

Bryan acena, relutante.

Renan recolhe o contrato e guarda-o na pasta. Com um gesto contido, inclina a cabeça na direção da porta. Christian aceita. Cumprimenta Bryan rapidamente e, já a sair, detém-se ao lado de Bianca.

Aproxima-se apenas o suficiente para que a sua presença invada o espaço dela.

— Não... — sussurra. — Não te queiras lembrar.

Bianca vira a cabeça de imediato. Os olhos arregalam-se, o coração dispara. O rosto dele está demasiado perto. Consegue sentir-lhe a respiração. Os olhos castanhos encontram os cinzentos, presos num confronto silencioso.

Então, como se nada tivesse acontecido, Christian afasta-se.

Acena uma última vez a Bryan e sai da sala.

Bianca permanece imóvel, o eco das palavras ainda a vibrar-lhe na pele.